

LITERATURA E SEUS ENLACES

Trajetória de Regina Zilberman

Organizadores:

Juracy Assmann Saraiva

Maria da Glória Bordini

Ernani Mügge

Tatiane Kaspari

2023

Rio de Janeiro



Conselho editorial

Alcir Pécora (Universidade de Campinas, Brasil)
Alckmar Luiz dos Santos (NUPILL, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil)
Amelia Sanz Cabrerizo (Universidade Complutense de Madrid, Espanha)
Benjamin Abdala Jr. (Universidade de São Paulo, Brasil)
Bethania Mariani (Universidade Federal Fluminense, Brasil)
Cristián Montes (Universidad de Chile, Facultad de Filosofía y Humanidades, Chile)
Eduardo Coutinho (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil)
Guillermo Mariaca (Universidad Mayor de San Andrés, Bolívia)
Horst Nitschack (Universidad de Chile, Facultad de Filosofía y Humanidades, Chile)
Ítalo Moriconi (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil)
João Cezar de Castro Rocha (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil)
Jorge Fornet (Centro de Investigaciones Literárias – Casa de las Américas, Cuba)
Lívia Reis (Universidade Federal Fluminense, Brasil)
Luiz Gonzaga Marchezan (Universidade Estadual Paulista, Brasil)
Luisa Campuzano (Universidad de La Habana, Cuba)
Luiz Fernando Valente (Brown University, EUA)
Marcelo Villena Alvarado (Universidad Mayor de San Andrés, Bolívia)
Márcia Abreu (Universidade de Campinas, Brasil)
Maria da Glória Bordini (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil)
Maria Elizabeth Chaves de Mello (Universidade Federal Fluminense, Brasil)
Marisa Lajolo (Universidade de Campinas/Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil)
Marli de Oliveira Fantini Scarpelli (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil)
Mireille Garcia (Université de Rennes 2)
Pablo Rocca (Universidad de la Republica, Uruguai)
Regina Zilberman (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil)
Rita Olivieri-Godet (Université de Rennes 2)
Roberto Acízelo de Souza (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil)
Roberto Fernández Retamar (Casa de las Américas, Cuba)
Salette de Almeida Cara (Universidade de São Paulo, Brasil)
Sandra Guardini Vasconcelos (Universidade de São Paulo, Brasil)
Saulo Neiva (Université Clermont Auvergne)
Silvano Peloso (Universidade de Roma La Sapienza, Itália)
Sonia Neto Salomão (Universidade de Roma La Sapienza, Itália)

Sumário

APRESENTAÇÃO	11
OCUPAÇÃO DE TERRITÓRIO: O LUGAR DA TEORIA LITERÁRIA NOS ESTUDOS SOBRE LITERATURA INFANTIL Alice Áurea Penteado Martha	14
PONTO ALTO NUMA REDE DE FORMADORAS DE LEITORES: UMA ENTREVISTA COM REGINA ZILBERMAN Ana Crelia Dias	39
O LEITOR E OS ENIGMAS DA IRONIA MACHADIANA: “O CÔNEGO OU METAFÍSICA DO ESTILO” Ana Maria Lisboa de Mello	62
PARA FORMAR LEITORES LITERÁRIOS: EDUCAÇÃO BÁSICA E MEDIAÇÃO DE LEITURA Ana Mariza Ribeiro Filipouski	78
PESQUISADORA EM CONSONÂNCIA COM SEU TEMPO Antonio Hohlfeldt Ana Cláudia Munari Domingos	92
A MÚSICA, A DANÇARINA E A MUSA: NOTAS SOBRE O GESTO NO CONTO MACHADIANO Antônio Marcos V. Sanseverino	111
RECEÇÃO PORTUGUESA DO MODERNISMO BRASILEIRO Arnaldo Saraiva	125
ESCRITA E LEITURA COMO PRÁTICAS DA EMANCIPAÇÃO Atilio Bergamini	140
A OBRA DE ARTHUR DE SALLES: EDIÇÕES E ESTUDOS EM DISSERTAÇÕES E TESES Célia Marques Telles	152

A ESCRITA DO DESLOCAMENTO: INTELLECTUAIS EXILADOS E LITERATURA DE EXÍLIO Christini Roman de Lima	172
EU, REGINA ZILBERMAN E SIMÕES LOPES NETO Cláudia Antunes	200
OS ANOS DE APRENDIZADO Claudio Celso Alano da Cruz	215
PARA NÃO ESQUECERMOS: <i>TROPICAL SOL DA LIBERDADE</i> DE ANA MARIA MACHADO Cristina Ferreira Pinto-Bailey	249
GENEALOGIA DA CULTURA: MISTIÇAGEM E DIVERSIDADE Cristina Robalo-Cordeiro	269
ZILBERMAN: TEORIA, DOCÊNCIA E PROPAGAÇÃO DE IDEÁRIO Daniela Maria Segabinazi	283
A LITERATURA INFANTIL DE CLARICE LISPECTOR: UMA LEITURA POLÍTICA Earl E. Fitz	306
PODE HAVER LITERATURA INFANTIL E JUVENIL DEPOIS DO LIVRO? Edgar Roberto Kirchof	322
COMPARATISMO E CARTOGRAFIAS LITERÁRIAS NA AMÉRICA LATINA Eduardo F. Coutinho	338
CÂNONE LITERÁRIO IDENTITÁRIO PARA ENTENDER MOÇAMBIQUE: UM PROJETO DE LEITURA ANTROPOLÓGICA E SOCIOLÓGICA DA SUA NARRATIVA CONTEMPORÂNEA Elias Torres Feijó	361

PERCURSOS DA LEITURA E DA NÃO LEITURA NO CONTEXTO ESCOLAR: LIÇÕES DE REGINA ZILBERMAN	393
Ernani Mügge Marinês Andrea Kunz	
FERNANDO PESSOA E AS INFINITAS NUANCES DO TÉDIO E DA MELANCOLIA	408
Eunice T. Piazza Gai	
LITERATURA E PEDAGOGIA – REENCONTRO	432
Ezequiel Theodoro da Silva	
OS LIVROS, OS LEITORES, E AS NOVAS ORDENS MUNDIAIS	447
Germana Araújo Sales	
UM OLHAR SOBRE O ROMANCE CONTEMPORÂNEO	465
Gínia Maria Gomes	
TEORIA DA LITERATURA E ENSINO: CONFLUÊNCIAS	484
Helena Bonito Couto Pereira	
A CONSTRUÇÃO DA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL PELAS MÃOS DE REGINA ZILBERMAN	495
Janaína de Azevedo Baladão	
O HORIZONTE DE <i>ESTÉTICA DA RECEPÇÃO E HISTÓRIA</i> <i>DA LITERATURA</i>	525
José Luís Jobim	
A CRÍTICA DA CRÍTICA: UM PROCESSO PEDAGÓGICO E CRIATIVO	537
Juracy Assmann Saraiva	
POR UMA ABERTURA ESTÉTICA PERMANENTE	560
Leonardo Antunes	

UMA VISIONÁRIA DAS LETRAS: O ADMIRÁVEL PROJETO INTELECTUAL DE REGINA ZILBERMAN Lucia Helena	586
“O MAU HUMOR DE WOTAN”: JOÃO GUIMARÃES ROSA E CARL JUNG Luiz Fernando Valente	598
O CORPO ESPRAIADO DE LÁZARO Lyslei Nascimento	609
DE BRÁS A BENTO: CAUSAS SECRETAS Marcelo Diego	637
LETRAS – UMA ÁREA E SUA JUSTIFICATIVA Márcia Abreu	651
22: A CORROSÃO E A DESCONSTRUÇÃO DO ÉPICO Maria Aparecida Ribeiro	672
JOÃO MELO: UM POETA DE CONTRASTES Maria da Glória Bordini	685
LEITURA, LIVROS E ESCRITA LITERÁRIA Maria Esther Maciel	703
A REMIÇÃO / REMISSÃO DO TEXTO Maria José Somerlate Barbosa	717
UMA AGULHA, UM PEDAÇO DE LINHA E UM ALFINETE Marisa Lajolo	735
A LEITURA DE REGINA ZILBERMAN Miguel Rettenmaier	745
ALTAR PARA UM NOME Miguel Sanches Neto	766

AUTOR, AUTORES: REFLEXÕES SOBRE AS DEFINIÇÕES TEÓRICAS DA AUTORIA Monica Chagas da Costa	775
A LEITORA REGINA E A FIGURA DO LEITOR Nádia Battella Gotlib	807
LITERATURA E A ‘QUESTÃO SOCIAL’ NO BRASIL DE CLARICE LISPECTOR Nelson H. Vieira	830
“LEITURAS” PROBLEMÁTICAS DO CONTO “A PARASITA AZUL” Paul Dixon	847
O PAPEL DE TIPOS REGIONAIS E AGREMIACÕES LITERÁRIAS NO PROCESSO DE FUNDAÇÃO NACIONAL Pedro Brum Santos	859
VAMOS COMEÇAR PELO COMEÇO: REGINA ZILBERMAN E A LITERATURA – PEQUENO APANHADO Renata R. M. Wasserman	884
DE COMO UMA GERAÇÃO LIDOU COM A TEORIA DA LITERATURA Roberto Acízelo de Souza	902
O ÉPICO NO PRIMEIRO JOÃO MANUEL PEREIRA DA SILVA: EPOPEIA E PATRIOTISMO Roger Friedlein	910
REGINA ZILBERMAN, LEITORA DE MACHADO DE ASSIS Sílvia Maria Azevedo	936
À MESA, O LUGAR ESTÁ POSTO. A CADEIRA ESTÁ VAZIA: DIVAGAÇÃO SOBRE A GÊNESE DE <i>MENINO SEM PASSADO</i> Silviano Santiago	950

“AONDE IRIA EU? PROCURAR-ME ONDE?”: ESCRITAS CONTRA O APAGAMENTO NA ROTA ANGOLA- PORTUGAL-ANGOLA	979
Simone Pereira Schmidt	
ESCRITO SOBRE CONHECIMENTO E GENEROSIDADE	1003
Socorro de Fátima Pacífico Barbosa	
“LATTES, MAS NÃO MORDE”: O CURRÍCULO DE REGINA ZILBERMAN	1007
Solange Fiuza	
SOBRE OS AUTORES	1027
ÍNDICE	1046

O épico no primeiro João Manuel Pereira da Silva: epopeia e patriotismo

Roger Friedlein
Ruhr-Universität Bochum (Alemanha)

910

Autor polígrafo, historiador, crítico e literato, acadêmico da Academia Brasileira das Letras, além de deputado conservador e senador, João Manuel Pereira da Silva¹⁹⁸ é um dos autores mais achegados à corte de D. Pedro II e às concepções literárias que o próprio monarca perseguia e encarnava. Os seus campos de interesse situam-se sobretudo na área de história do Brasil colônia e do Império, manifestos na sua *História da Fundação do Império Brasileiro* em sete volumes, e na coletânea biográfica chamada *Plutarco brasileiro* na primeira versão e *Os Varões ilustres do Brasil nos tempos coloniais* com título definitivo, sendo essas as suas obras mais conhecidas. Junto com seu trabalho historiográfico, Pereira da Silva desenvolve numerosas facetas literárias: a partir de 1873 organiza as chamadas Conferências Populares da Glória¹⁹⁹ – com regular presença real –, trabalha como historiador da literatura – com um contributo desta-

198 Nasceu em Iguaçú, hoje Nova Iguaçu (RJ), em 1817; faleceu em Paris em 1898.

199 As Conferências da Glória foram organizadas, com participação do Imperador, e depois publicadas na publicação própria Conferências Populares por João Manuel Pereira da Silva e Manuel Francisco Correia. O ciclo de palestras sobre poesia épica que Pereira da Silva ministrou nesse ambiente foi publicado nas Conferências Populares em 1878, e reelaborado em forma de livro nas Considerações sobre poesia épica e dramática (Pereira da Silva, 1889). Ver sobre essas conferências e outras contemporâneas o recente trabalho esclarecedor de Alexandre Kuciak, no prelo.

cado ao primeiro número da revista *Niterói* –, antologista e crítico, e é o primeiro autor brasileiro de romances históricos.

Apesar desse seu polifacetismo, Pereira da Silva tem sido um autor relativamente pouco apercebido no século XX e XXI, e além disso criticado pelas suas faculdades de historiador.²⁰⁰ Um texto disponível em edição recente são as suas *Memórias do meu tempo*, reeditadas pelo Senado Federal do Brasil em 2003. Um retrato do vulto de Pereira, porém, deve-se à pena de Regina Zilberman, que insiste na importância que o personagem tem para vários contextos do seu tempo, mas onde ele figura sempre num segundo lugar.²⁰¹ Este pequeno trabalho propõe-se entrar num diálogo sobre Pereira com Regina e outros interessados pelo século XIX, à espera de que surjam novos contributos sobre a polifacética obra de Pereira da Silva.

Uma peça única no conjunto da obra de Pereira é um poema em dez cantos, *Gonzaga*, que teria saído não da pena do próprio Pereira da Silva, mas de um jovem autor paulistano, supostamente anônimo, e que foi editado com uma breve introdução de Pereira da Silva, que já era então uma referência importante do discurso historiográfico brasileiro. Já com esse poema associado ao seu nome, Pereira da Silva despertaria o interesse de quem estuda a poesia épica do século XIX. Mas como o próprio monarca D. Pedro II, Pereira da Silva junta interesses literários e históricos, e os manifesta de diversas formas. Se autores como Gonçalves de Magalhães ou José de Alencar escrevem poesia épica por um lado, e escritos teóricos sobre a poética da narrativa épica por outro, Pereira é o caso talvez único de um autor do século XIX brasileiro que contribui à poesia épica desse século desde pelo menos três pontos de vista diferentes: o de editor – ou autor – de poesia épica, de historiador da poesia épica,

200 Enders, 2010.

201 Zilberman, 1999. Além desse texto, existe um número dos Cadernos do Instituto de Pesquisas Literárias da PUCRS dedicado a Pereira da Silva, coeditado por Regina Zilberman. Não consegui ter esse volume ao meu alcance.

e de ficcionista de romance sobre poetas épicos. Essa escrita épica transgenérica pereiriana poderia permitir considerações sobre a teoria épica, para assim dizer, em todos os estados físicos da matéria.

Três núcleos biobibliográficos e vários gêneros

Concretamente, uma antologia da escrita metaépica de Pereira da Silva teria de abranger, como elementos principais, pelo menos peças genericamente tão divergentes como as seguintes:

1) os cinco retratos-biografia de poetas épicos brasileiros – José de Anchieta, Santa Rita Durão, Basílio da Gama, Cláudio Manuel da Costa, Frei Francisco de São Carlos – contidos no *Plutarco brasileiro* e nos *Varões ilustres*,²⁰² e os seis retratos de poetas épicos de fora do país – Homero, Virgílio, Dante, Camões, Tasso e Milton – nas *Considerações sobre poesia épica e poesia dramática*;

912

2) o romance histórico *Jerónimo Cortereal*, com os poetas épicos Jerónimo Corte-Real e Luís de Camões como protagonistas;

3) a edição do poema épico *Gonzaga*;

4) o artigo teórico introdutório às *Considerações sobre poesia épica e poesia dramática*.

Além dessas peças exclusivas, contariam alguns trechos da introdução e as – aliás escassas – inclusões de trechos de poesia épica antologados no *Parnaso brasileiro* (1843 e 1848). Também são dignos de atenção passos espalhados pela obra crítica do polígrafo como, por exemplo, as reflexões sobre Camões e Almeida Garrett na “Terceira carta” das *Impressões de viagem*²⁰³ assim como outros passos desse relato de viagem, ou um artigo de Pereira sobre Lord Byron, publicado junto com as *Impressões de viagem* no volume *Variedades literárias*.

202 Os artigos do Plutarco brasileiro (1847) foram reelaborados nos Varões ilustres (consultados aqui na terceira edição de 1868). – Como é sabido, José de Anchieta nasceu na ilha de Tenerife, mas valerá neste contexto como brasileiro honoris causa.

203 PEREIRA DA SILVA, 1862, p. 72-74.

Em perspectiva cronológica, configuram-se três núcleos da escrita pereiriana sobre o épico. À primeira fase inicial, definida sobretudo pelas biografias do *Plutarco brasileiro* e dos *Varões ilustres* a partir de 1847, segue uma fase média nos anos 1860 com *Gonzaga e Jerônimo Cortereal*, e um núcleo tardio em 1878 e 1889 com as Conferências da Glória e a sua nova publicação revisada como *Considerações sobre poesia épica*.

O próprio João Manuel Pereira da Silva, aliás, provavelmente não teria formulado a sua 'bibliografia do épico' desta maneira, já que o autor reservava o termo épico para uma seleção extremamente limitada de textos, como veremos logo adiante.

Da análise comparada entre gêneros textuais e da análise cronológica da obra de Pereira desprendem-se algumas constantes do seu pensamento metaépico. Sem querer uniformizá-lo, e desde o ponto de vista do que se considera poesia épica hoje e está sendo canonizado como tal, o objectivo das páginas que seguem é repassar a obra metaépica de Pereira da Silva, sobretudo, nas primeiras duas fases, e não com pretensões de completismo, mas focando num núcleo de pensamento central do autor: a relação entre o épico e o patriótico.

913

O épico nos tempos primordiais: Niterói

Para acompanhar o pensamento metaépico de Pereira da Silva, pode-se partir de um 'estado zero': Quando o autor participa no segundo e último volume da revista *Niterói* em 1838 com o seu artigo "Estudos sobre a literatura", contribuindo a dar início à recepção do Romantismo no Brasil, esse ensaio traça um panorama das origens da poesia nas culturas do mundo antigo, para desembocar na tese da existência de duas grandes correntes poéticas. Por um lado, a tradição grega, identificada, em geral, com o 'clássico' e, por outro lado, a poesia em última instância árabe da Península Ibérica que teria dado início à literatura 'romântica', entendendo por esse termo as literaturas em línguas vulgares na Idade Média:

[...] cousa admiravel, á influencia dos Arabes devemos nós a nossa poesia, a poesia moderna, que pertence á nossa civilização; á nossas ideias; os Arabes eram pintores excellentes da natureza, cantaram as bellezas de suas patrias campinas, e se elevaram ao ideal, inventando magicas, fadas, e milhares d'outras produçoens de seus cerebros poeticos (PEREIRA DA SILVA, 1836, p. 234)²⁰⁴.

Esse esboço histórico não fica sem lembrar a visão igualmente binária de Victor Hugo no prefácio ao *Cromwell*. Mas diferentemente de Hugo, no relato da coexistência das duas correntes de Pereira da Silva, o espaço do épico limita-se a pouco mais do que a evocação de Homero:

A grandeza, a invenção, o brilhantismo Grego acham-se em Homero, famoso creador do poema Epico, que de tal geito extasia seus contemporaneos, com a beldade de suas guerreiras pintura[s], de seus desenhos fogosos, que com entusiasmo echoam seus versos nas aulas publicas, nas ruas e praças [...] (ib., p. 221).

914

O entusiasmo dos seus contemporâneos por Homero fundase, portanto, na estetização do histórico na sua poesia, que representaria um estado já mais avançado na evolução dela, depois da fase inicial marcada pela poesia religiosa:

Na Grecia tambem a poesia foi o primeiro ramo de Litteratura cultivado; e como a sociedade sempre comença pela theocracia, a poesia dirige seu estro a honrar as divindades patrias; o primeiro sóm, que desliza a lyra dos vates, é um hymno religioso, que pouco á pouco torna-se patriotico. Abre a poesia as primeiras paginas da historia da Grecia [...] (ib., p. 220).

A Poesia Grega é original, bebida nas crenças, habitos e cos-

204 Para maior comodidade de leitura deste artigo, citamos as obras de Pereira da Silva daqui adiante com os seus títulos, abreviados e em ortografia modernizada, com exceção de Jerónimo Cortereal, para manter a ficcionalidade do personagem. As edições consultadas são referenciadas na bibliografia.

tumes do paiz, patriótica e religiosa (ib., p. 221).

A caracterização que Pereira da Silva usa para a poesia grega define a ideia que dominará o pensamento literário do autor daqui adiante: quando não é religiosa e visa, portanto, à exaltação do divino e à edificação do receptor, a função da poesia, mormente da poesia épica, reside na representação e exaltação da sociedade onde ela se origina, merecendo, portanto, o atributo ‘patriótica’. O apelo que exerce para o público coetâneo baseia-se no fato do público reconhecer na poesia aquilo que lhe é próprio, e foi estetizado pelo poeta. Esse reconhecimento conecta com a emoção do receptor da poesia, cria entusiasmo e o exalta.

Já que a representação de uma sociedade, aqui dos gregos antigos, e com ela de um espaço e um tempo, é a característica mais saliente da poesia épica, não estranha o fato de a poesia e os poetas épicos brasileiros estarem, nas obras seguintes de Pereira da Silva, mais presentes na antologia de história dos *Varões ilustres* do que na antologia de poesia do *Parnaso brasileiro*. Nas coletâneas biográficas sobre o Brasil colonial, os cinco poetas épicos já mencionados mais acima, entre um total de quinze *varões*, significam uma representação sensivelmente maior²⁰⁵. Porém, apesar da presença numérica dos poetas épicos, um varão como José de Anchieta, primeiro autor de um poema épico nas Américas, mal é percebido como tal. Pereira da Silva, que menciona a existência de um manuscrito *De gestis Mendis de Sáa* em Rio de Janeiro,²⁰⁶ apresenta esse texto como uma crônica historiográfica:

205 No “Suplemento biográfico”, elenco daqueles varões coloniais que não mereceram artigo próprio, anexado aos *Varões ilustres* II, aparece Januário da Cunha Barbosa: “Compôz muitas lindas poesias, e entre ellas o bello poema Nictheroy” (PEREIRA DA SILVA, *Varões ilustres*, II, 1868, p. 361).

206 Vide a nota de rodapé do autor: “Parece que este manuscrito existe na Biblioteca pública do Rio de Janeiro. Tem o título *De rebus gestis Mem de Sá*” (PEREIRA DA SILVA, *Varões ilustres*, I, 1868, p. 70).

[...] na importante obra, que na lingua latina escreveu José de Anchieta, com o titulo de – Feitos de Mem de Sá, na qual os chronistas seus successores beberam as melhores noções e esclarecimentos, obra que revela o seu talento de historiador, e na qual mostrou-se digno discipulo de Eannes de Azurára, de Fernão Lopes, e do historiador castelhano Ayála (PEREIRA DA SILVA, *Plutarco*, I, 1847, p. 43)²⁰⁷.

Sensivelmente mais interesse de Pereira desperta, ao contrário, o poema de Anchieta sobre a Virgem Maria, que é comparado com a obra de Klopstock, poeta de épica sacra, e merece citações em latim no *Plutarco brasileiro*, mais tarde acompanhadas de tradução para o português nos *Varões ilustres*.

916

Outro caso de poeta épico mal percebido como tal é Frei Francisco de São Carlos, cujo poema da *Assumpção da Virgem* é amplamente resenhado, resumido nos seus conteúdos e comparado com as obras correspondentes de Milton, Klopstock e Dante. Mas nunca é chamado especificamente poema épico sacro, de maneira que, no que diz respeito ao gênero literário, ele permanece no mesmo limbo que já se nota em relação com o poema mariano de José de Anchieta²⁰⁸. Na íntegra da obra de Pereira, os poemas sacros brasileiros, diferentes dos exemplos mais destacados de fora do país, não parecem ter sido nunca relacionados com o conceito do épico.

Enfim, Cláudio Manuel da Costa, autor do poema épico *Vila Rica*, incorre em uma sorte semelhante à de Anchieta e de Francisco de São Carlos, já que Pereira da Silva o apresenta quase exclusivamente baseado em sua biografia e nas suas obras líricas.

207 Nos *Varões ilustres* (3a ed., 1868) cai a comparação com os cronistas portugueses. – Mais à frente, o poema é apenas mencionado como “a obra que anteriormente escrevêra sobre os feitos de Mem de Sá” (PEREIRA DA SILVA, *Plutarco*, I, 1847, p. 63).

208 “Divide-se em outo (sic) cantos o poema. Abre o primeiro a invocação, que dirige á Virgem” (PEREIRA DA SILVA, *Varões ilustres*, II, 1868, p. 242).

Mais adiante, esta será uma questão do artigo de Pereira da Silva sobre o poeta mineiro.

Antes de resenhar as ideias metaépicas nos *Varões ilustres* convém definir a extensão do termo épico segundo Pereira da Silva. Um dos artigos incluídos na coletânea permite ver como, para o autor, o termo épico é associado em primeiro lugar aos épicos antigos – Homero sendo o mais estimado entre eles – e pouquíssimos mais, e não pode ser extrapolado sem mais para toda a poesia posterior que tiver características formais semelhantes.

Poema épico, poema romance, poema fantástico

Entre os cinco autores brasileiros de poesia épica que Pereira da Silva recolhe nos *Varões ilustres*, Santa Rita Durão e Basílio da Gama dão-lhe maior ensejo a desdobrar pensamentos relacionados com a poesia épica. Em primeiro lugar, Pereira da Silva insiste em distinguir o *Caramuru* de Santa Rita Durão do gênero épico, chamando-o “poema” sem mais. Esse poema adaptaria certas “fórmulas” da épica antiga sem, porém, chegar a ser propriamente épico. Decisiva para essa distinção seria a relevância histórica do assunto, que na poesia considerada épica há de ser de primeira ordem e praticamente universal:

As formulas do poema – Caramurú – são imitativas da epopeia antiga [...] porque os *Lusiadas*, a *Jerusalém libertada*, a *Eneida*, a *Iliada*, e a *Odisséa* são verdadeiros objectos da epopeia, e do poema heroico e geral; e o *Caramurú*, o *Affonso Africano* [...] são assumptos de ordem secundaria, não geral, não heroicos, antes cavalheirosos (PEREIRA DA SILVA, *Varões ilustres*, I, 1868, p. 311).

Nestas condições, o épico aplica-se a uma seleção canonizada de poemas que mal passa de meia dúzia de exemplos na literatura universal e que exclui, como comprovaríamos em obras mais tardias de Pereira da Silva, não só aquela épica antiga que não seja de Homero ou Virgílio, mas também todos os poemas épicos do mundo

de fora do Ocidente, e também a poesia hoje considerada épica nas literaturas modernas, quase na íntegra²⁰⁹.

A presença limitada do termo épico nos escritos de Pereira da Silva sobre literatura brasileira explica-se, então, pela simples ausência de exemplos na literatura do país.

Para os poemas longos brasileiros e muitos outros em línguas vernáculas, Pereira da Silva reserva, no entanto, o termo ‘poema romance’, proveniente da teoria épica contemporânea portuguesa e francesa.²¹⁰ Por duas vezes, aparecem elencos desses poemas portugueses e espanhóis: “[...] o *Cerco de Diu*, o *Caramurú*, o *Naufregio de Sepulveda*, *Malacca Conquistada*, o *Uruguay*, *Afonso Africano*, a *Elegiada*, *Ulissea* e *Donna Branca*” (PEREIRA DA SILVA, *Plutarco*, I, 1847, p. 250)²¹¹.

918

Esse elenco de poemas romance em português presente no artigo sobre Cláudio Manuel da Costa no *Plutarco brasileiro* será

209 Isto é verdade não só já na Antiguidade para autores como Lucano, como na Renascença para Jerónimo Corte-Real e no século XVIII para Basílio da Gama, todos eles explicitamente mencionados por Pereira da Silva. Os poetas considerados épicos universais serão objeto das atividades de Pereira da Silva na sua fase mais tardia, nas Conferências da Glória e nas Considerações sobre poesia épica: Homero, Virgílio, Dante, Tasso, Camões e Milton.

210 Marcos Machado Nunes explica as múltiplas ressonâncias do termo poema romance, entre romanzo italiano, romance em prosa e romance de romanceiro ibérico, identificando assim mesmo uma fonte muito relevante para a penetração do termo na teoria épica lusófona (MACHADO NUNES, 2022).

211 Francisco de Andrade: O Primeiro cerco de Diu (1589) e Jerónimo Corte-Real: Sucesso do Segundo cerco de Diu (1574), Santa Rita Durão: Caramuru (1781), Jerónimo Corte-Real: Naufrágio de Sepúlveda (1594), Francisco de Sá de Meneses: Malaca conquistada (1634), Basílio da Gama: O Uruguai (1769), Mousinho de Quevedo: Afonso Africano (1611), Luís Pereira Brandão: Elegiada (1588), Gabriel Pereira de Castro: Ulisseia (1638) e Almeida Garrett: D. Branca (1826).

transferido nos *Varões ilustres* de forma ampliada para o artigo sobre Santa Rita Durão, onde serão mencionadas

[...] composições que em Hespanha e Portugal escreveram outros poetas [i.e. não épicos], como Jeronymo Corte-Real, Alonso de Ercilla, José de Sancta Ritta Durão, Hippolito Sanz, Mouzinho Quevedo, Lourenço Zamora, José Basilio da Gama e Francisco Mosquera. [...] *O Caramurú, o Affonso africano, a Numantina, o Uruguay, a Araucana, a Mathea, a Saguntina e o Naufragio de Sepulveda*, pertencem a ordem secundaria, e particular, que é mais cavalheirosa que heroica. Assemelham-se antes, na feitura e desenvolvimento intrinseco, á especie denominada romances, divergindo d'ellas apenas pelas vestes exteriores, e pela metrificacão poetica [...] (PEREIRA DA SILVA, *Varões ilustres*, I, 1868, p. 297s.)²¹².

O chamado 'poème roman' da teoria francesa designa, em princípio, inequivocamente os *romanzi* do Renascimento italiano, com *Orlando furioso*, de Ariosto, como representante mais conspícuo, mas a polissemia de *roman* e os seus derivados, como o português *romance*, faz com que em Pereira da Silva o termo tenha uma semântica um bocado oscilante. Na citação acima, a *epopeia* é associada ao registro elevado, à personagem *heroica* e ao assunto *geral*, enquanto o termo contraposto, *poema romance*, corresponde aos atributos de *especial* e *cavalheiroso*, que remetem ao *romanzo* italiano. Na continuação do artigo sobre Santa Rita Durão, Pereira da Silva associa, porém, também o romance em prosa ao *poema romance*, já que, embora as duas formas se diferenciem pelo seu modo prosaico e versificado, elas teriam várias características em comum, como demonstra a continuação direta da citação anterior:

919

212 Francisco Mosquera de Barnuevo: *La Numantina* (1613), Alonso de Ercilla y Zúñiga: *La Araucana* (1569-89), Hipólito Sans: *La Maltea* (1582) e Lorenzo de Zamora: *La Saguntina* (1607).

[...] formando perfeita harmonia com os romances, na sua feitura e desenvolvimento intrinseco, e só differençando-se pelas vestes exteriores, e pelo estylo da prosa ou do verso; todavia as formulas da epopeia antiga, tão preconizadas por todos os censores, foram admittidas nas modernas litteraturas, para toda a especie de narração, historia, chronica, romance ou poema escripto em verso (PEREIRA DA SILVA, *Plutarco*, I, 1847, p. 311)²¹³.

A poesia épica, para além da seleção estrita e com relevância universal, caracteriza-se então pelo seu assunto de importância mais local e o seu pessoal *cavalheiroso*, termo que parece conotar uma nobilidade, e talvez também seriedade, menor. Apesar destas diferenças em relação com o poema épico, o poema romance não está completamente separado da tradição épica, porque ele mantém as “fórmulas” da epopeia, e inclusive Ariosto seguiu “o systema da epopea grega” (PEREIRA DA SILVA, *Plutarco*, I, 1847, p. 311s.) – provavelmente no sentido de ambos juntarem episódios militares, viajados e amorosos na forma de cantos rimados.

920

Um grupo desses poemas possui características próprias de maneira a poder distingui-lo para formar um subgrupo dentro do gênero de poema romance: são os *romanzi* italianos do Renascimento ao modo de Ariosto, que ganham o apelativo de *poema fantástico* e “pertencem ao mundo immaginario e phantastico que o Oriente transmittiu a Ariosto, a Luiz Pulci, a Matheus Boiardo, ou a Christovam Wieland [...] Vem de origem oriental o poema phantastico;

213 Vide o trecho correspondente, com mudanças estilísticas, nos Varões ilustres, I, p. 298. – Surpreendentemente, também o Uruguai de Basílio de Gama é claramente relacionado com romances em prosa: “[...] o poema intitulado – Uruguay – dividido em cinco cantos, escripto em versos heroicos livres [...] este poema, ou antes este romance em verso denota o mais completo engenho, o mais elevado estro, e a mais pura inspiração de verdadeira poesia” (PEREIRA DA SILVA, Varões ilustres, II, 1868, p. 151; itálico meu).

são orientaes os seus costumes e vestes”²¹⁴ (PEREIRA DA SILVA, *Varões illustres*, II, 1868, p. 13-14).

A tradição ibérica, por seu turno, cultivaria um tipo de poema romance distinto do poema épico, por um lado, e do poema romance fantástico, por outro lado, já que

Ou pela maviosidade e riqueza das linguas, ou pelo clima feliz que as bafeja, tem Portugal e Hespanha, de alguns seculos a esta parte, produzido grande numero de poemas em verso, sobre aventuras particulares, factos ou acontecimentos publicos ou nacionaes, vidas de homens illustres e celebres (ib., p. 13).

O poema longo de tradição ibérica define-se, portanto, no que diz respeito ao conteúdo, pelo seu assunto histórico ou biográfico de âmbito nacional e com proximidade temporal. No que diz respeito à forma, a sua gama estilística possui grande amplitude entre o elevado e o baixo, o coletivo e o intimista, e permite uma diversidade de vozes de poeta, praticando seus cantos e tradições respectivos:

[...] este genero que admite toda a escala da poesia, desde o sublime e elevado pathetico, até a doce e agradável pintura dos prazeres domesticos, ou das delicias campestres; genero, que tange o alaúde do bardo, a harpa do trovador, a lyra do propheta, e a gaita faceira do pastor (ib., p. 14).

Embora a poesia épica e o poema romance estejam hierarquizados na sua relevância e gravidade, este último não deixa de possuir um potencial poético pleno. Assim, segundo os *Varões illustres*, um episódio do *Uruguai* como o da índia Lindoia pode atingir um valor poético comparável com “o de Ignez de Castro dos *Lusiadas*, ou o de Lianor do *Naufragio de Sepulveda*, ou o de Francisca de Rimini da *Divina Comedia*, ou o de Olinda e Sophronio da *Jerusalém*

214 Luigi Pulci: Morgante (1478/83), Matteo Boiardo: Orlando innamorato (1483) e Christoph Martin Wieland: Oberon (1780), este último tendo sido traduzido para o português por Filinto Elísio, que foi, por sua vez, biografado por Pereira da Silva.

libertada”, e “viverá emquanto houver gosto litterario” (PEREIRA DA SILVA, *Varões illustres*, II, 1868, p. 25).

Cor local e emoções no poema romance

A consequência estética mais saliente da ambientação nacional e local do poema romance reside, para Pereira da Silva, na necessidade de o poema estar tingido de cor ou *colorido* local, concretizando-se essa exigência na representação da natureza e dos hábitos e costumes nacionais, de preferência, indígenas, e incluídas neles as tradições religiosas gentis, como depois também as do Cristianismo brasileiro. Quando Pereira da Silva comenta trechos de Santa Rita Durão ou de Basilio da Gama que ostentam tal cor local indígena, o entusiasmo pode chegar a tomar conta da sua escrita:

922

Reaes e vivos nos apparecem os barbaros costumes das nações de gentios [...]. Como tão fielmente reconta o terrivel Gupeva as crenças e leis dos povos indigenas! Como se batem os guerreiros gentios com suas tacapes, ao entusiasmo das inubias, e animados pelas vozes dos Pagés! (PEREIRA DA SILVA, *Varões illustres*, I, 1868, p. 300).

Outros atributos, certamente não inesperados neste contexto, serão *pictoresco* e *característico*, assim como *variedade* e *diversidade*:²¹⁵

Nao ha expectaculo mais bem desenhado, mais vivo, e mais animado; é um exercito de diversas nações, que o leitor vê marchar diante de si, cada uma com as suas armas, as suas vestes e os seus usos. É um quadro perfeito, colorido e real (ib., p. 307).

[...] as scenas que desenha todavia, e as descrições que pinta, são tão verdadeiras, que é sua obra uma chronica perfeita dos usos, leis, religião e costumes dos povos indigenas do Brazil.

215 “Não lhe é inferior outro episodio agradável e pictoresco do poema, em que se narra a historia da bella Moema”; “É desenhada com côres caracteristicas a marcha das nações gentias”; “variedade de pinturas, e diversidade de descrições” (Pereira da Silva, *Varões illustres*, I, 1868, p. 303, 305 e 304).

Póde-se dizer que foi o criador da poesia americana. Sahiui da senda traçada pelos seus antecessores europeus, para procurar inspirações nas florestas da America, nos seus rios caudalosos, na sua terra virgem e nos seus habitantes primitivos [...] (ib., p. 308).

Os comentários de Pereira da Silva sobre *Uraguai* no artigo sobre Basílio da Gama não diferem de *Caramuru* nas suas linhas básicas, já que o poema suscita o mesmo entusiasmo do autor pelas descrições de indígenas com os seus “usos e costumes”, e culmina na cena protagonizada por Lindoia.

Como já se viu no contexto da literatura grega antiga, também entre os brasileiros a via de recepção dessas belezas passa pelo apelo ao sentimento do leitor, porque as cenas locais “[f]allam ao coração, e deixam-lhe emoções gratas e suaves” (ib., p. 304).

Se *Caramuru* e *Uraguai* despertam o entusiasmo do leitor Pereira da Silva, não acontece o mesmo com um terceiro poema longo da época. Cláudio Manuel da Costa, autor de *Vila Rica*, incorre em uma sorte semelhante à de José de Anchieta e Frei Francisco de São Carlos, já que Pereira da Silva o apresenta entre os varões do Brasil colonial, mas prescinde da sua obra épica quase por completo e baseia-se, na maior parte, na biografia e nas obras líricas de Cláudio. Sobre a sua epopeia existe um único parágrafo no *Plutarco brasileiro* em que se diz que o poema, apesar das descrições nele contidas, não estaria à altura de um poema romance:

O poema de *Villa-Rica* é digno de leitura, já pelas admiráveis descrições que apresenta, figurando como que uma historia da capitania de Minas, já pelas belezas da versificação, e o sentimentalismo que o inspira; mas não merece as honras de poema-romance, e principalmente na lingua portugueza (PEREIRA DA SILVA, *Plutarco*, I, 1847, p. 250).

Nos *Varões ilustres*, esse trecho será substituído por uma frase que possui o mesmo tom crítico com as faculdades épicas de

Cláudio.²¹⁶ Segundo Pereira da Silva, o poema falharia no critério da cor local: “Nota-se ainda n’elle uma falta de colorido local, que dôe no fundo d’alma, e uma ausencia de invenção, que demonstra que não era o espirito do poeta para este genero de poesia” (PEREIRA DA SILVA, *Varões ilustres*, II, 1868, p. 65).

Convém lembrar que, em *Vila Rica*, Cláudio Manuel da Costa elabora uma mitologia própria da região das Minas, adaptando o modelo europeu ao contexto local.²¹⁷ Essa operação estética de abasileiramento moderado, porém, não satisfaz Pereira da Silva nem merecerá menção na sua resenha do poema.

O maravilhoso mitológico

Deve-se concluir que, nos poemas romance, a exigência de cor local implica a exclusão total de mitologia clássica como meio de expressão. Mitologia e Cristianismo, que nos olhos de muitos observadores tinham parecido compatíveis em Camões e até na literatura do Renascimento em geral, tanto para Pereira da Silva como para muitos românticos, são mutuamente exclusivos, já que pertencem a sociedades e contextos culturais distintos. A mitologia clássica, ao não permitir ao leitor o reconhecimento do próprio, é julgada fria, repetitiva e sem apelo aos sentimentos. Num lugar menos conspícuo como é o capítulo sobre Antonio Pereira de Souza Caldas nos *Varões ilustres*, e atenuado pelas devidas manifestações de respeito pelo poeta Camões, encontra-se inclusive uma crítica dirigida contra o uso da mitologia n’*Os Lusíadas*, a causa da sua inadequação ao contexto cultural português e cristão:

216 “Si bem que prime pelas admiraveis descripções que apresenta, e pelas noções historicas que offerece, acerca da capitania de Minas; contenha mesmo verdadeiras bellezas de versificação; não merece todavia o poema de Villa-Ricca as honras de poema-romance, e principalmente na lingua portuguesa, tão resplandecente de composições d’esto genero” (PEREIRA DA SILVA, *Varões ilustres*, II, 1868, p. 65).

217 Vide WERKEMA, 2019, p. 276, e o substancioso trabalho de Lucas CYRINO, no prelo.

O grande Luiz de Camões, com tanta justiça appellidado o príncipe dos poetas das Hespanhas, no seu poema memoravel, [/] a par de bellezas, que nem-um vate antigo ou moderno excedeu ainda, chama em seu auxilio as divindades de Platão, de Hesiodo e de Homero, e mistura o mais sublime e pathetico com repetições enfadonhas, e pinturas desnaturaes e desapropriadas. Nada ha de mais extravagante que guerreiros portuguezes elevarem preces aos deuses do Olympo, em vez de recitarem os canticos da Igreja catholica. Nada ha de mais extravagante que, no meio das vagas irritadas do oceano em procura de novos mundos, para enriquecerem a Christo, não adorarem a imagem da Virgem purissima, e dedicarem-se entretanto ao serviço da Venus luxuriosa, da sabia Minerva, ou da Juno soberba (PEREIRA DA SILVA, *Varões illustres*, I, 1868, p. 219s)²¹⁸.

O tom dessa crítica será sensivelmente mitigado em outros textos posteriores de Pereira da Silva, propriamente camonianos. A fraqueza e frieza emocionais da mitologia camoniana seriam, porém, em parte compensadas por uma característica que faz Luís de Camões se destacar entre a meia dúzia de poetas épicos universais: ele é o mais patriótico deles.

Poeta e poesia patrióticos em Gonzaga e Cortereal

Em efeito, o patriotismo, por vezes associado ao adjetivo *nacional*, é a noção que mais impregna o pensamento literário de Pereira da Silva. Já no contexto de *Caramuru*, a disposição patriótica de Santa Rita Durão como autor e o valor patriótico da sua obra foram elogiados:

Que importa que a concepção geral não agrade aos ouvidos e aos desejos curiosos de emoções, de aventuras romanescas e continuas, e de peripecias imprevistas e inesperadas? [...] [o poema]

218 Continuação da citação: “Rasgou Souza Caldas o véo de semelhantes phantasmagorias. Pretendeu que a poesia trajasse vestes proprias e nacionais; seguisse a origem da sua inspiração; e se perdesse nos seus braços. [...] Chama-se romantica esta poesia [...]” (ib.).

revela, com toda luz da verdade, o *enthusiasmo patriótico*, que animava o poeta” (PEREIRA DA SILVA, *Varões ilustres*, I, 1868, p. 301, itálico meu),

[...] [o poema forma] um *monumento patriótico*, cumprem com o seu dever a pátria e a língua, conservando eternamente, indelevel, e gloriosa, a memória de poeta tão distinto, e que honrou á uma e á outra (ib., p. 309, itálico meu).

Para além de Santa Rita Durão, o valor patriótico aplica em geral aos poemas romance brasileiros: “Cumpre todavia confessar que contém bellezas da primeira ordem muitos d’estes poemas-romances portuguezes e hespanhóes, ao passo que constituem verdadeiros typos *nacionaes*, e autônomos” (PEREIRA DA SILVA, *Varões ilustres*, II, 1868, p. 14)²¹⁹. Porém, Pereira da Silva reconhece o valor patriótico não em primeiro lugar nos textos, e sim na atitude vital dos seus autores.

926

A expressão mais palpável dessa concepção encontra-se nos dois textos que formam o que mais acima chamamos o segundo núcleo cronológico da obra metaépica de Pereira da Silva: o poema *Gonzaga* e o romance *Jerónimo Cortereal*. Esses dois textos põem em cena os poetas Jerónimo Corte-Real e Cláudio Manuel da Costa em cenários ficcionais. Ambientados no Portugal do século XVI e nas Minas do século XVIII, ambos os textos mostram poetas cujos poemas são entendidos como manifestações ou serviços patrióticos, mas, antes disso, é patriótica a figura do poeta em si, no seu *engagement* pela pátria como soldado no Norte de África, no caso de Corte-Real, e como revolucionário aprisionado em Minas, no caso

219 Vid. também sobre o mesmo poema: “uma das composições mais nacionaes que tem o Brazil [...] admiraveis e verdadeiras scenas das nações e tribus selvagens, livres e errantes, que offerecem á poesia inspirações ternas, melancolicas, e sublimes, e que melhor se apropriam ao genio de um vate americano” (PEREIRA DA SILVA, *Varões ilustres*, II, 1868, p. 27).

de Cláudio. Tanto Corte-Real como Cláudio receberão nada que não seja ingratidão dos seus conterrâneos por essas atitudes.

Na introdução do poema *Gonzaga*, datada em 1863, o editor afirma não ter lembrança de quem era o jovem poeta, estudante de Direito, que lhe teria entregue este poema na ocasião de uma visita na província de São Paulo em 1848 ou 1849, mais de quinze anos antes da publicação. O poeta teria morrido depois, ainda jovem, e o seu nome não viria mais à memória do editor. A autoria duvidosa do texto foi interpretada como uma ficção de editor, já em 1958 por Carlos de Assis Pereira.²²⁰ O poema seguiria, portanto, neste aspecto como em muitos mais, o modelo de Almeida Garrett, que atribui o seu *Dona Branca* a F(ilinto) E(lísio). Os múltiplos paralelos entre *Gonzaga* e *Camões*, de Almeida Garrett, foram igualmente identificados no mesmo artigo de Carlos de Assis Pereira. Esses paralelos são tão flagrantes que convertem o poeta Gonzaga num Camões brasileiro, na esteira da interpretação que Almeida Garrett dá a esse personagem do poeta d'*Os Lusíadas* no seu *Camões*. Esse tipo de imitação literária pode inclusive ser considerado o aspecto de maior interesse do poema, no sentido de uma estética da imitação prerromântica.

Com um tom exaltadamente patriótico (incluindo uma invocação à Pátria como instância inspiradora no proêmio), os três *arcades* Gonzaga, Cláudio Manuel da Costa e Alvarenga Peixoto são chamados aqui heróis dos brasileiros. Ainda que Gonzaga seja quem dá o título ao poema, há um canto específico sobre o poema épico *Vila-Rica* que o seu companheiro Cláudio Manuel da Costa redige antes do seu encarceramento por conjuração. O personagem fictício do italiano Frei Samuel visita o poeta no calabouço mineiro,

220 PEREIRA, 1958. A questão da autoria real de Gonzaga ainda não está resolvida. Para os fins deste artigo, a sua resolução não é imprescindível, já que, de qualquer maneira, Gonzaga sustenta-se nos artigos dos Varões illustres como fonte principal e a sua ideologia não sai das linhas traçadas na obra de Pereira da Silva.

depois lê o manuscrito do poema ainda não publicado, e relata esta visita a Gonzaga, por sua vez aprisionado no Rio de Janeiro, antes de partir dolorosamente para o seu desterro na África. Frei Samuel louva as qualidades do *Vila-Rica* para Cláudio, sobretudo pelas suas descrições; e com essa certidão Cláudio poderá prosseguir ao suicídio, sossegado e com a esperança de atingir algum tipo de imortalidade. O personagem de Frei Samuel não parece ser, porém, o ‘pensador teórico’ intradieético mais indicado. Italiano, ele não demonstra ser um leitor especialmente competente por causa de sua língua materna estrangeira, condição que lhe impede ter julgamentos sobre as qualidades estilísticas do poema. Mais do que pelas belezas do poema *Vila-Rica* intradieético, ele encanta-se de verdade pelos poucos versos que Cláudio lhe recita de viva voz da *Divina commedia* no cárcere, exercendo um apelo patriótico, e demonstrando como os receptores de poesia épica se comovem com o que lhes é próprio. A personagem de Frei Samuel permite ao autor de *Gonzaga* ilustrar essa tese de Pereira da Silva, e permite ‘salvar’ na ficção um poema que, fora dela, fora avaliado por Pereira da Silva bem menos bom que nos cárceres do *Gonzaga*.²²¹

Gonzaga pode-se considerar, por conseguinte, um *meta-epic*, estreitamente seguindo a linha do *Camões* de Garrett,²²² sempre que tivermos em conta que Pereira da Silva não o consideraria como tal, e sim como poema romance. De fato, apesar da divisão em dez cantos e da invocação no início do poema, que evocam o gênero épico, o poema mantém-se num tom marcadamente prosaico e em decassílabos sem rima. Devido a essa característica e

221 *Gonzaga* vale como exemplo para um poema que transmite conteúdos autorreflexivos – aqui as qualidades do poema intradieético *Vila-Rica*, que possuem mais validade dentro da ficção que no mundo fora dela. Vid. FRIEDLEIN, 2019, onde se demonstra a mesma tese da validade intradieética com o exemplo de D. Branca, de Almeida Garrett.

222 Vide PEREIRA, 1958.

ao seu registro linguístico comum, é provavelmente mais próximo do romance em verso do que do próprio poema épico segundo o critério atual.²²³ Porém, o texto busca claramente uma conexão com este gênero. Nas palavras de Pereira da Silva, ele usa as fórmulas da epopeia, mas é poema romance.

Vale a pena lançar um olhar sobre o conteúdo do poema e a sua culminação no desterro de Gonzaga com a sua partida no barco que o levará para África. A amada Marília, o seu pai D. Seixas, o indígena Jacytata e até o fiel cão Diamante acompanham esta hora dolorosa desde o cais, e lemos uma Canção do exilado (PEREIRA DA SILVA, *Gonzaga*, 1865). É interessante observar como esta integração quase familiar do exilado faz com que o exílio seja uma questão unicamente política, dependendo exclusivamente da injustiça de Estado; não existe um problema de incomunicação de princípios ou de marginalização pessoal do poeta ao modo de outras figurações de poetas românticos. O exílio é uma consequência da atitude patriótica do exilado num contexto de injustiça do Estado e de ingratidão do povo que não sabe reconhecer o compromisso patriótico do poeta com a região das Minas e, portanto, com o Brasil. Pátria é, nesse sentido, a palavra-chave: o poeta Cláudio da ficção a salienta antes da sua viagem ao trono de Deus, e o poeta Gonzaga a elabora numa profecia sua ao partir.

Se os personagens de poetas são celebrados pelas suas atitudes exemplares, reflete-se bem menos a respeito das consequências desse ‘patriotismo’ para a escrita dos poemas saídos da pena patriótica. A ideia de pátria é quase obsessiva em *Gonzaga*, mas ela não é realmente concretizada ou teorizada na sua significação e suas consequências estéticas em termos de poesia épica. O que é exatamente o patriótico em poemas épicos, como o *Vila-Rica* dentro da ficção, mal é temati-

223 Já Gonçalves de Magalhães recebeu reprovações pelo caráter prosaico da sua versificação épica.

zado: as descrições locais, segundo Frei Anselmo, são importantes – para Pereira da Silva o termo patriótico, aplicado a um poema, parece indicar pouco mais do que o assunto nacional do texto, com a sua cor local nessas descrições. No entanto, são pouco refletidas possíveis questões “patrióticas” como o herói épico e a sua função criadora de identidade para a Pátria, ou as genealogias e panoramas cosmográficos típicos da poesia épica, como ilustração da Pátria, ou ainda a constituição textual de uma coletividade de pessoas para formar a Pátria. Como em certos discursos políticos da atualidade de hoje, a Pátria é uma fórmula pressuposta e quase numinosa – daí a possibilidade de invocação à Pátria como instância de inspiração no próêmio do poema *Gonzaga* –, mas, tanto no *Gonzaga* quanto no *Vila-Rica* intradieético, a pátria é mais um atributo invocado do que um conceito elaborado nas suas implicações literárias.²²⁴

930

O romance *Jerónimo Cortereal: Crônica do século XVI* (1865) confirma algumas das constatações feitas sobre *Gonzaga*. O texto é protagonizado pelo poeta épico Jerónimo Corte-Real, que participa na batalha de Alcácer-Quebir e cai no cativeiro no Norte da África na sequência da derrota portuguesa. Ele reencontra o seu pai nessas circunstâncias e, uma vez resgatado, poderá voltar a Portugal e à sua amada Lianor. Depois de um encontro com Luís de Camões e o Jao António, ele completa os seus poemas épicos sobre o *Segundo cerco de Diu* e o *Naufrágio de Sepúlveda* como atos patrióticos, marcados por um enfurecimento contra o domínio espanhol. Essa representação de Corte-Real como autor patriótico e anti-filipino é mais do que duvidosa na sua historicidade, mas confirma a observação que, em Pereira da Silva, o patriotismo é mais uma atitude política das pessoas do que um conceito aplicável

224 Cabe lembrar que nos referimos ao poema Vila-Rica representado dentro de *Gonzaga*. O poema Vila Rica do Cláudio Manuel da Costa real elabora um conceito de pátria fecundo que é analisado no mencionado trabalho de CYRINO, no prelo.

a uma estética literária. Nesse sentido, *Gonzaga* e *Cortereal* insistem ambos na noção romântica do poeta mal-entendido e castigado com ingratidão, na esteira do *Camões* de Almeida Garrett, mas não elaboram um programa para uma escrita patriótica.

Vista em conjunto a escrita metaépica de Pereira da Silva na primeira e segunda fases até os anos 1860, chama a atenção um fato determinante: a definição do poema épico como necessariamente associado a um assunto de relevância universal faz o termo praticamente incompatível com a literatura brasileira, já que para essa se requerem o assunto e a ambientação nacional e, portanto, de importância limitada. Embora os poemas de Homero também representassem a sua sociedade de origem, eles a transcendem e atingem valor universal. Os poemas épicos de assunto religioso alcançam o mesmo pela validade universal do Cristianismo, e, enfim, *Camões* transcende o âmbito português pela importância global das navegações. Apesar desse exemplo excepcional, o épico universal e o patriótico local encontram-se tendencialmente numa situação exclusiva um do outro. O poema romance, em princípio determinado a representar a sua cultura de origem, tentará em vão adotar as fórmulas estéticas da epopeia. Nessas condições, mal seria concebível para Pereira da Silva a ideia da epopeia nacional; as suas funções, como a constituição de identidade nacional, são delegadas ao poema romance.

931

Romantismo e patriotismo

Como patentearam as breves análises do poema *Gonzaga*, seja ele alógrafo ou não, e do romance *Jerónimo Cortereal*, Pereira da Silva adota os modelos literários do Romantismo, seja seguindo o modelo de *Camões*, de Almeida Garrett, seja o gênero do romance histórico. A rejeição da mitologia greco-romana, assim como o motivo do poeta marginalizado e exilado, são outros índices da sua imersão no pensamento romântico. Visto de perto, porém, chama

a atenção como esses elementos românticos são adaptados e submetidos à ideia dominante do patriotismo. Num autor socialmente bem integrado no sistema político do Brasil imperial, o Romantismo de Pereira da Silva, como o de outros colegas de sua geração, será sempre um Romantismo vivido plenamente dentro da pátria, e também reduzido a ela.

Valha como ilustração dessa circunstância um olhar para o relato de viagem de Pereira da Silva sobre o Reno. Pereira da Silva viaja pelo vale desse rio alemão no seu trecho chamado romântico, entre Mogúncia e Colônia, percebendo a paisagem de vinhedos e ruínas de castelos medievais, que Victor Hugo consagrou no seu relato de viagem *Le Rhin* (1842) para um público intercontinental, se não o fizessem já os autores dos decênios anteriores desde Friedrich Schlegel. A *Rheinromantik* converteu essa paisagem fluvial na paisagem romântica por excelência, e Pereira da Silva não fica alheio a essa percepção:

932

Subi o Rheno; vêde como são pitorescas as suas margens. Quantos castellos feudaes plantados nos pincaros das serras, que parecem querer precipitar-se sobre o rio! Que habitações gothicas, cheias de legendas da idade media, e de poesias as mais romanticas! [...] Tem razão os Allemães! É o Rheno um rio admiravel! (PEREIRA DA SILVA, 1862, p. 156).

Porém, uma visão romântica medievalizante não é desenvolvida para mais além dessa observação. Poucas linhas depois do entusiasmo renano, o viageiro já chega a Hamburgo e debruça-se sobre um tema que o ocupará de maneira bem mais urgente e que possui maior relevância para o Brasil: trata-se do perigo que representa a beterraba açucareira europeia para a exportação de cana do Brasil:

[...] pena é que o nosso assucar vá desaparecendo dos mercados europeos; o cultivo da beterraba faz continuos e rapidos progressos: lançai os olhos pelo territorio de Magdemburgo, do Hanover, de Brandemburgo, de Brunswick, da Belgica, da França, e da

Silesia: beterraba é o que se planta; campos e campos a perder de vista [...] (PEREIRA DA SILVA, 1862, p. 157).

As reflexões ao redor dessa questão e as consequências necessárias para a política do Brasil ocupam uma parte mais significativa dessa décima segunda carta das *Impressões de viagem* do que o Reno romântico medieval: Pereira da Silva, como viajero iluminado, focado na análise do progresso do país visitado em relação com a sua pátria, suplanta o viajero romântico, focado na história e na imaginação poética ao modo das *Viagens na minha terra*. Valha esta observação para ilustrar como em Pereira da Silva o pensamento romântico é assimilado e vivido, mas sempre – beterraba ou não – levado para as questões patrioticamente relevantes.

REFERÊNCIAS

933

ACÍZELO DE SOUZA, Roberto; PINHEIRO, Joaquim Caetano Fernandes (org.). *Historiografia da literatura brasileira: textos inaugurais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

BRUNKE, Dirk; FRIEDLEIN, Roger (org.). *El yo en la epopeya: nuevos espacios de subjetividad en la poesía épica ibérica y latinoamericana del siglo XIX*. Madrid / Frankfurt am Main: Iberoamericana / Vervuert, 2020.

CYRINO, Lucas. A Pátria e a épica de Cláudio Manuel da Costa. In: *Conexão Letras*, no prelo.

ENDERS, Armelle. João Pereira da Silva, Francisco Adolfo de Varnhagen et les malheurs de l'histoire moderne du Brésil. In: *Revista de História*. Edição especial (2010). p. 115-129. [www.revistas.usp.br/revhistoria/issue/view/1469]

FRIEDLEIN, Roger. A validade do discurso autorreflexivo em Almeida Garrett: D. Branca (1826 e 1848). In: Roger FRIEDLEIN, Marcos MACHADO NUNES e Regina ZILBERMAN (org.). *A epopeia em questão*. Rio de Janeiro: makunaima, 2019. p. 218-247.

KUCIAK, Alexandre. 'Civilizando' o Brasil: As conferências populares da Glória e o apoio monárquico à poesia épica. In: *Conexão Letras*, no prelo.

MACHADO NUNES, Marcos. Interfaces entre a poesia épica, o romance e

o romancero em paratextos do século XIX. In: Roger FRIEDLEIN, Regina ZILBERMAN; Marcos MACHADO NUNES (org.): *Épica e Modernidade*. Espaços, limites e transgressões de um gênero clássico em renovação (séculos XVIII e XIX). Rio de Janeiro: makunaima, 2022. p. 144-179.

PEREIRA, Carlos de Assis. Garrett e o Brasil: [1. Uma poesia de Casimiro de Abreu dedicada à memória de Garrett] 2. Influências do *Camões* sobre o poema *Gonzaga* e o romance *Jerónimo Corte Real*, de João Manuel Pereira da Silva. In: *Ocidente. Revista Portuguesa Mensal* vol. 54. núm. 240 (Abril de 1958). p. 25-34.

PEREIRA DA SILVA, João Manuel. Estudos sobre a litteratura. In: *Nitheroy*. Revista Brasiliense 1.2 (1836). p. 214-243.

PEREIRA DA SILVA, João Manuel. *Parnaso Brasileiro ou Seleccção de Poesias dos melhores Poetas Brasileiros*. 2 vol. Rio de Janeiro: Laemmert, 1843-48.

PEREIRA DA SILVA, João Manuel. *Plutarco Brasileiro*. 2 vol. Rio de Janeiro: Laemmert, 1847.

934

PEREIRA DA SILVA, João Manuel. Impressões de viagem. In: *Variedades litterárias I*. Rio de Janeiro: Garnier, 1862. p. 51-165.

PEREIRA DA SILVA, João Manuel. *Gonzaga*. Poema. Com uma introduccção por J. M. Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Garnier, 1865.

PEREIRA DA SILVA, João Manuel. *História da Fundação do Império Brasileiro*. 7 vol. Rio de Janeiro: Garnier, 1864-68.

PEREIRA DA SILVA, João Manuel. *Jerónimo Cortereal*. Chrônica do Século XVI. Rio de Janeiro: Garnier, 1865.

PEREIRA DA SILVA, João Manuel. *Varões ilustres do Brasil durante os Tempos coloniais*. 2 tomos em 1 vol. Rio de Janeiro: Garnier, 1868.

PEREIRA DA SILVA, João Manuel. “Poesia Épica – I – Homero e Virgilio”, “Poesia Épica – II – Dante Alighieri e Luiz de Camões”, “Poesia Épica – III – Torquato Tasso”, “Poesia Épica – IV – Milton”. In: *Conferencias Populares* 1 (1876), vol. 2, p. 27-47, vol. 3, p. 37-58, vol. 4, p. 25-42 e 43-58.

PEREIRA DA SILVA, João Manuel. *Considerações sobre poesia épica e poesia dramática*. Rio de Janeiro: Garnier, 1889.

PEREIRA DA SILVA, João Manuel. *Memórias do meu Tempo*. Célio Ricardo TASINAFO (ed.). Brasília: Senado Federal, 2003 [Rio de Janeiro: Garnier, 1895-96].

WERKEMA, Andréa Sirihal. Cláudio Manuel da Costa, poeta das Minas

Gerais. In: Jacyntho Lins BRANDÃO (org.). *Literatura mineira: Trezentos anos*. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 2019. p. 264-287.

ZILBERMAN, Regina. O Reconhecimento de Pereira da Silva. In: *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS* 5.1 (1999). p. 5-6.